

**CORREIA, João Alberto Sousa, *A hospitalidade na construção da identidade cristã. Uma leitura de Lc 24,13-35 em chave narrativa*, 326 p., Lisboa: UCP Editora, 2014.**

Esta obra resulta da dissertação de doutoramento em Teologia Bíblica defendida pelo autor na Faculdade de Teologia da UCP em Braga a 4 de julho de 2013, na qual exerce a sua atividade de docência. O autor (a partir de agora JAC) revisita aqui um dos textos evangélicos mais conhecidos e comentados – o famoso episódio dos discípulos de Emaús –, mas aplicando-lhe agora a metodologia narrativa. Com este instrumento de análise faz vir ao de cima toda a riqueza da perícope, sobretudo a temática da hospitalidade, temática tão cristã e atual.

Depois de uma longa introdução para apresentar o instrumentário da narratologia e o objetivo da dissertação (pp. 15-43), o trabalho surge dividido em quatro partes: no primeiro capítulo o autor estuda o texto em si com as respetivas variantes textuais (pp. 44-91), no segundo capítulo (pp. 92-177) aplica já as “instâncias e utensílios da narrativa em Lc 24,13-35”, no terceiro capítulo procede à “caracterização de Jesus” (pp. 178-215) para mostrar como é que este episódio dos discípulos de Emaús constitui uma cristologia narrativa que constrói uma imagem aberta de Jesus, e no quarto capítulo (pp. 216-290) lê “Lc 24,13-35 na perspetiva da hospitalidade” confrontando este texto com outros exemplos de hospitalidade ao longo da Sagrada Escritura (pp. 225-265).

Estamos perante um trabalho consistente, que aporta novidade pelo estudo e método que aplica, evidencia pertinência na abordagem e muita atualidade. JAC decidiu aventurar-se a reestudar um texto dos mais comentados da Sagrada Escritura, um texto que, por exemplo, Joseph Schmid (não citado por JAC) já classificava ainda antes do Concílio como um “texto famoso devido à sua admirável relação de vozes, devido à sua beleza e disposição”<sup>1</sup>.

Estamos diante de um trabalho inovador e bem arquitetado. A tese está bem estruturada, com uma orgânica proporcionada. Cada uma das quatro partes está equilibrada face às outras três. A estrutura apresenta lógica. Depois dos preliminares (bastante claros), aborda o método que vai aplicar depois à caracterização das personagens secundárias; de seguida investe na personagem principal; no capítulo seguinte descreve a hospitalidade nos dois testamentos para a comprovar no final da tese em Lc 24,13-35. Há uma elipse narrativa na tese nos caps. 1-2 cujo desenlace surge no cap. 3, pois a personagem principal – Jesus – só é caracterizada neste capítulo, quando todos os outros o foram no capítulo anterior. No que toca à temática da hospitalidade, parece-nos que JAC é devedor do trabalho de Isabel Carbonell, que mostra que existem dois tipos de textos na Escritura para falar da hospitalidade: a parénese da hospitalidade e a descrição de hospitalidade. Lc 10,38-42 é um exemplo do segundo género<sup>2</sup>. Neste texto Lucas pretende mostrar que a hospitalidade não se reduz a fazer da nossa casa um

<sup>1</sup> JOSEPH SCHMID (1893-1975), *Das Evangelium nach Lukas übersetzt und erklärt (herausgegeben von Alfred Wikenhauser und Otto Kuss)*, [= Regensburg Neues Testament 3], Regensburg, Pustet 1955, 355.

<sup>2</sup> Cf. ISABEL M. FURNARI-CARBONELL, *La escucha del huésped (Lc 10,38-42). La hospitalidad en el horizonte de la comunicación*, [= Institución San Jerónimo 30], Madrid – Navarra 1995, 4.

hotel, mas a hospitalidade, para ser verdadeira hospitalidade, tem de chegar à escuta do hóspede para poder partilhar a vida dele e a vida com ele. No último capítulo, JAC já mostra como Lucas, para apresentar Jesus como anfitrião, conta, descreve a hospitalidade. A esta conclusão chega exercitando toda a mecânica narrativa que o próprio texto de Lc 24,13-35 solicita. Isto permite que o classifique como "um relato de acolhimento" (p. 305).

Desde o início, nos preliminares, JAC diz ao que vai. De modo clássico estabelece o texto, que do ponto de vista da crítica textual não oferece grandes dificuldades, pois o P<sup>45</sup>, os códigos aleph, A e B praticamente resolvem os problemas todos. Mesmo na nova edição do NT<sup>28</sup> (muito mais extensa, e que para já contribuiu com cerca de trinta alterações para as cartas católicas), também para este texto de Lc 24,13-35 não existem divergências face à edição anterior, apenas mais manuscritos analisados que vêm confirmar a *lectio recepta*. Todavia, na p. 45, JAC delimita as fronteiras deste primeiro capítulo quando refere que "não entramos na discussão e explanação do trabalho filológico, com princípios e regras próprios". A obra está muito bem escrita, com grande elegância, e limpa de gralhas. Aliás, esta metodologia – a narratologia, uma filha tardia da exegese estruturalista – refina a própria escrita. Ao longo do trabalho JAC é fiel ao método que conhece bem e que aplica com objetividade. Assim, mostra quais são as *personagens intradieéticas* e as *personagens extradieéticas*, como é que o narrador e o autor do evangelho (p. 93) se posicionam ora na forma de *telling* ora no registo de *showing*, qual o lugar do leitor e do narratário (aquele para quem o autor narra e que carrega em si uma tradição múltipla). Como recorda Jean-Pierre Sonnet, a voz do narrador é uma metonímia da voz da tradição. Daí a importância do narrador e do narratário: o narrador é um historiógrafo pois vê toda a história e dá a perspectiva da mesma, isto é, como a vê ou entende. É o que Lucas faz aqui neste texto de Lc 24,13-35. Esta atenção à narrativa obriga, por isso, a distinguir o *showing* do *telling*, como bem o faz JAC. Na narratologia existe um *showing* (quando a narrativa deixa falar as personagens e as descreve mostrando os factos) e um *telling* (quando a narrativa descreve resumidamente os factos sem grandes detalhes e sem diálogos). Sobretudo na conclusão (p. 296) JAC confirma a tese clássica de que Lc 24,13-35 pode justamente ser considerado como *mise en abîme* de todo o evangelho de Lucas.

Para além destas categorias, JAC aplica as restantes categorias narratológicas ao episódio dos discípulos de Emaús e mostra como nesta períclope se encontra uma *ação transformadora* quando ambos os discípulos se perguntam se não nos ardia o coração e quando O reconheceram ao partir do pão. Muitas vezes coincide com o *pivot* (o ponto de não retorno) ou *turning point*. Lc 24,13-35 também recorre à *anacronia*, quer como prolepse, quer como analepse. Há uma *analepse* quando Jesus recapitula o que aconteceu, e há uma *prolepse* quando Jesus anuncia algo que acontecerá. São importantes os momentos da *anagnorisis* (do reconhecimento em Lc 24,31) e a *peripeteia* (a mudança de situação). É curioso como existe um desnível entre o *autor real* (Lucas que escreveu o texto) e o *autor implícito* (o autor que o leitor encontra). JAC identifica uma *elipse do texto* quando o relato oculta ao leitor uma informação importante da qual só beneficiam algumas personagens, como quando Jesus explica as Escrituras em Lc 24,27. A narratologia recorre à *characterization* (caracterização da personagem) para por aí fazer uma *construção da personagem* (coisa que é tão comum em Lucas), neste caso em Lc 24,16.17c (p. 130). Nesta história de Emaús o próprio evangelista vai envolvendo o leitor e criando um *suspense*, levando aquele a um *clímax* que fica entre

a *dêsis* (situação inicial) e o desenlace ou resolução (*lúsis*). Entre estes dois pontos existem nos discípulos de Emaús *complicações* ou etapas de tensão crescente que são suprimidas quando se atinge o *desenlace* (quando chega o momento do clímax e cessa a tensão).

Lucas será, provavelmente, o mais hábil narrador do Novo Testamento, pela mestria como dispõe o *discourse* (a *enunciação*), isto é, não a sucessão dos acontecimentos no seu desenvolvimento cronológico mas a forma como são postos na narrativa. Isto ajudou JAC a detetar em Lc 24,13-35 o *esquema quinário*, a chave de leitura da leitura narrativa porque decompõe uma cena nos seus episódios literariamente relevantes: situação inicial, trama, ação transformadora, desenlace, final (pp. 176.305).

Esta obra ensina-nos qual é a *focalização* (ou *perspective*) de Lucas (o ângulo a partir do qual o autor apresenta as personagens), o que cria o seu *ponto de vista* (a mundividência do autor). Claramente não encontramos aqui uma *focalização zero* (quando o informador omnisciente sabe e diz mais que as personagens). Antes, Lucas privilegia a *focalização externa* (quando o narrador sabe e diz menos do que as personagens). Neste *view point* Lucas surge como um narrador *heterodiegético*, pois diz-nos que existem muitos detalhes que estão ausentes da história narrada. Nesta condição, enquanto narrador, nunca fala de si mesmo. Parte de um *incipit* (dois deles partiam de Jerusalém). A partir daqui cria um *plot* (uma intriga) que tem um nó (trama ou *inciting moment*), atinge um clímax e chega ao desenlace depois de passar por várias *complicações*. JAC demonstra que a trama narrativa de Lc 24,13-35 não é de resolução mas de revelação. JAC não fala, e bem, em *couplage* (acoplamento da visão do narrador com a da personagem principal), pois Lucas deixa falar as personagens, como é seu timbre. JAC distingue bem a superestrutura (narrativa, características formais e abstratas que permitem definir o género desta perícopa de Lc 24,13-35, comparando com episódios semelhantes) da macroestrutura e da microestrutura.

Em síntese, diante deste trabalho académico, congratulamos o autor e sugerimos vivamente esta obra ao leitor. Esperamos que o autor nos continue a proporcionar textos deste nível científico e com esta novidade.

José Carlos Carvalho